

DESCONTINUIDADES ENTRE PRINCÍPIOS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO

Palavras-chave

Educação Ambiental;
Práticas Ambientais.

Keywords

Environmental Education;
Environmental Practices.

Biografia

¹Licenciado em Geografia (UFPR), Especialista em Análise Ambiental (UFPR). Professor da Rede Pública do Estado do Paraná.

²Doutoranda em Sociologia (UFPR),

²Mestre em Administração (UFPR), Pesquisadora Grupo de Pesquisa em Sociologia da Saúde CNPq/UFPR.

³Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR), Mestre em Sociologia Política (UFSC), Pesquisador do CNPq/UFPR/UniFAE; Pesquisador Associado ao Mestrado e Doutorado em Sociologia da UFPR; Professor da Graduação e Pós-Graduação; Coordenador do Mestrado em Organizações e Desenvolvimento da UniFAE – Centro Universitário Franciscano do Paraná.

Enio de Souza Lima¹
Sandra Mara Maciel-Lima²
José Edmilson de Souza-Lima³

RESUMO

O presente artigo verifica se há alguma correspondência ou continuidade entre os conceitos, exemplos e princípios ensinados sobre educação ambiental em sala de aula e algumas práticas sociais da comunidade. Toma como referência empírica uma escola da rede municipal de ensino e a comunidade que lhe serve de entorno. Utiliza questionários junto aos moradores e redações dos alunos para tentar captar possíveis correspondências entre o que é dito e o que é feito em termos de educação ambiental. Conclui que as descontinuidades entre princípios e práticas ambientais na comunidade estudada são mais evidentes que as continuidades.

ABSTRACT

The present article investigates if there is any relationship or continuity among the concepts, examples, and principles taught on environmental education in the classroom and some community social practices. A school belonging to a municipal district and the community that surrounds it are taken as empirical reference. It utilizes questionnaires applied to residents and writings from students to try to capture possible associations between what is said and what is done regarding environmental education. It concludes that the discontinuities between environmental principles and practices in the community investigated are more evident than the continuities.

INTRODUÇÃO

A cidade de Curitiba é conhecida nacionalmente e até mesmo no exterior por seu planejamento urbano, que tem como objetivo proporcionar aos cidadãos um padrão de vida diferenciado de outras cidades do mesmo porte no Brasil.

No entanto, vários estudiosos vêm freqüentemente questionando se Curitiba faz jus ou não à titulação de “Capital Ecológica”, “Cidade Sorriso”, ou ainda, “Capital Social”.

Cientistas de diferentes matrizes epistemológicas estão interessados no aprendizado em práticas de planejamento urbano/ambiental que possam equacionar os problemas comuns das grandes metrópoles, tais como, degradação ambiental, falta de saneamento básico, ocupações irregulares, sistemas de transporte atrofiados, entre outros.

A titulação de Capital Ecológica tem proporcionado a Curitiba um crescimento demográfico desproporcional à manutenção do padrão de qualidade de vida de sua população chegando, em alguns casos, a agravantes sociais e políticos que se caracterizam como grandes obstáculos para os planejadores e educadores urbanos (GARCIA, 1997).

Dentre as práticas inovadoras, a Educação Ambiental destaca-se e é alvo de muitas críticas de seus moradores-cidadãos. Por ser um tema inter e multidisciplinar, a educação ambiental busca soluções para problemas localizados, isolados, tais como, saneamento básico e qualidade do ar e para questões mais amplas associadas às práticas socioculturais e políticas.

No bojo deste debate, cabe ao planejador e analista do meio ambiente – seja ele geógrafo, sociólogo ou economista - aprofundar a temática, buscando equacionar erros e apontar caminhos que possam proporcionar à população um melhor índice de qualidade de vida, estimulando, valorizando e aprimorando o exercício pleno de sua cidadania.

É nesta perspectiva que se insere este estudo, com o propósito de verificar se há alguma correspondência ou continuidade entre os conceitos, exemplos e princípios ensinados sobre educação ambiental em sala de aula e algumas práticas sociais da comunidade.

Sendo a escola pública um importante espaço para divulgação dos princípios ecológicos, buscou-se por meio da experiência da Escola Professor Guilherme Lacerda Braga Sobrinho, situado no bairro Sítio Cercado, a interpretação e a prática da educação ambiental, destacando a sua importância na formação e disseminação da informação.

Na primeira parte do artigo apresenta-se um histórico da educação ambiental no mundo; na segunda parte discutem-se os conceitos de ecologia e

educação ambiental; na terceira parte, o artigo traz a metodologia utilizada; na quarta parte são apresentados os dados da pesquisa com sua respectiva análise; e, por último, as considerações finais.

1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

É sempre oportuno resgatar na história o momento em que o tema “educação ambiental” aparece pela primeira vez. Conforme o Quadro 1, que faz um mapeamento histórico da educação ambiental, verifica-se que o tema aparece nos primeiros documentos mundiais, nos quais a problemática ecológica e ambiental projeta-se como principal protagonista. Os documentos mais recentes e que expressam as preocupações incisivas de cientistas e outros setores da sociedade civil com as ameaças da ação humana sobre o planeta Terra são a Declaração sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972); a Conferência de Tbilisi, na Geórgia (CEI, 1977); a Carta do Rio sobre o Meio Ambiente (Rio, 1992); o encontro de Kioto (RIO + 5, 1997) e, finalmente, a conferência de Johannesburgo (RIO +10, 2002).

Cumprе ressaltar que Dias (1992) já havia observado que as primeiras impressões sobre a importância da Educação Ambiental apareceram em 1863, no ensaio Evidências sobre o Lugar do Homem na Natureza, de Thomas Huxley. Além

QUADRO 1 - ORIGEM HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO MUNDO

ANO	ACONTECIMENTO
1863	Tomas Huxley - Evidências sobre “O lugar do homem na natureza”
1864	George P. Marsh - O homem e a natureza
1902	Euclides da Cunha - Os Sertões – Política da colonização – Século XVII
1932	1º Congresso Internacional para a proteção da natureza – Paris
1949	Aldo Leopoldo – Artigos sobre ética no uso dos recursos da terra.
1962	Rachel Carson - Primavera Silenciosa – Mobilização da comunidade internacional
1968	Fundação do Clube de Roma – Reunião de 30 especialistas de várias áreas para discutir a crise atual e futura.
1972	1ª Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente Humano - Estocolmo - Suécia - 113 Países
1975	Formulação de princípios e orientação para a PIEA (Programa Internacional de Educação Ambiental)
1977	UNESCO – PNUMA – Realizada em Tbilisi a 1ª Conferência Intergovernamental da Educação Ambiental. Estabelece os princípios e estratégias de Educação Ambiental.
1984	1º Encontro Paulista de Educação Ambiental.
1988	Constituição Federal – Capítulo VI – Art 225
1990	MEC – Centro de Educação Ambiental – Treinamento e Política
1992	2ª Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio 92 – Agenda 21
1993	Treinamento e formação de técnicos
1997	Encontro Rio + 5; Encontro do Governo e ONG's (referência à Rio 92)
1998	Encontro de Lideranças em Kioto – Aquecimento Global
2002	Conferência de Johannesburgo (RIO +10, 2002).

FONTE: <http://www.win.com.br/~helena/historico.htm>

do que, ele também faz referências a George P. Marsh, que faz em seu livro *O Homem e a Natureza* um exame detalhado da ação do homem sobre os recursos naturais, chamando a atenção para as causas do declínio de civilizações antigas, acentuando que as civilizações modernas poderiam estar no mesmo caminho.

As conclusões e inferências críticas de Dias estão subjacentes em todos os documentos repertoriados no quadro acima, evidenciando pistas de que a educação ambiental está contemplada em todos os documentos, pelo menos como “cartas de intenções”. Embora todos os documentos admitam a importância da educação ambiental, o que se percebe é que a mesma enfrenta obstáculos para sair do papel e “atualizar-se”, isto é, tornar-se ato, tal como entendem os antropólogos.

Numa perspectiva mais analítica que propagandística, Garcia (1997), em “Cidade Espetáculo - Política, Planejamento e City Marketing”, apresenta as diferentes causas e efeitos - favoráveis ou não - que a propaganda oficial pode gerar. No fenômeno, “Cidade Espetáculo”, existem algumas ações de caráter ecológico, tanto no planejamento urbano, quanto na criação de novos mecanismos de instância pública, que escondem interesses notadamente políticos e econômicos de uma classe dominante. Este domínio propaga-se por intermédio dos meios de comunicação e de outros meios de propaganda oficial, criando o ideário (e imaginário) ecológico junto aos cidadãos.

Seguindo a mesma orientação, Souza-Lima (1999), faz um breve retrospecto da construção do imaginário ecológico na imprensa escrita (1985 e 1993), demonstrando as influências dos meios escritos de comunicação sobre o processo de construção do imaginário ecológico na cidade de Curitiba. Conclui que nem tudo, neste processo de “positivação” da imagem de Curitiba, foi interessante do ponto de vista social, uma vez que o número de favelas e a violência urbana aumentaram consideravelmente.

Outra contribuição crítica, similar à de Souza-Lima, é a de Moura (1998), geógrafa que tem ocupado da concentração econômica e social da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) e suas conseqüências no padrão de vida da população. Suas pesquisas retratam muitos dos paradoxos existentes na concepção da capital ecológica. Para a autora, os processos de metropolização - e a conseqüente periferação - estão diretamente relacionados à gestão um tanto centralizadora do Estado (centro x periferia) e é “ajudada” pela ampla divulgação - talvez, até não mensurada - da qualidade de vida atingida pela capital paranaense.

Esta atração é também provocada pelas imagens futurísticas (inovadoras) que a cidade tem despertado. Neste estudo não se pretende aprofundar esta abordagem, mas, para entender os aspectos ambientais da organização deste espaço urbano, torna-se necessário compreender os diferentes fatores que interferem na formação da consciência e práticas ambientais, ecologicamente corretas.

2 ECOLOGIA X EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Genebaldo Freire Dias, pesquisador que desenvolve atividades direcionadas à Educação Ambiental, publicou *Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos* (1989), *Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental - Manual do Professor* (1994), porém, sua principal obra é *Educação Ambiental - Princípios e Práticas* (1992), cujo objetivo é abordar de forma ampla, didática e elucidativa a educação ambiental no Brasil, com destaque para os países menos ricos.

Dias diferencia a ecologia da educação ambiental:

É interessante e importante conhecer as relações entre os seres vivos, os seus mecanismos, processos e sistemas (ecologia), entretanto, eles devem ser entendidos dentro de um contexto que considere também os demais aspectos da questão ambiental, ou seja, os aspectos sociais, econômicos, políticos, éticos e culturais (DIAS, 1994).

No entendimento de Dias, existem muitas limitações quanto à abordagem da ecologia, muitas vezes, não passando do plano teórico, com pouca ou nenhuma dinâmica quanto às práticas efetivamente ambientais: “nas escolas, graças aos professores, a temática ambiental, de alguma forma, já foi incorporada. Entretanto, os livros didáticos continuam torturando professores e alunos com a enfadonha e ineficiente abordagem das ciências biológicas referentes à ecologia” (DIAS, 1994, p. 23).

No que diz respeito às questões políticas (visão global), Dias observa criticamente a ação dos países mais ricos em propor, em detrimento da abordagem da educação ambiental, a abordagem da ecologia, que para ele, seria praticar o mais ingênuo reducionismo. Seria adotar o verde pelo verde, o ecologismo, e desconsiderar de forma lamentável as raízes profundas das nossas mazelas ambientais, situadas nos modelos de desenvolvimento adotados sob a tutela dos credores internacionais.

Semelhante abordagem foi encontrada na obra de Vieira (1991) acerca da produção, suas características e as intenções do discurso (meramente) ecológico, assim como em Alier (1992) que, numa leitura (neo) marxista, em seu artigo *O Ecologismo dos pobres*, apresenta mais uma crítica ao sistema capitalista que, para o autor, seria o principal gerador das problemáticas ambientais.

A abordagem de Freire (1992) é mais crítica e contundente, apontando os principais atores que propõem a abordagem ecológica como os principais agentes causadores do descompromisso face às questões ambientais.

A educação ambiental, por sua vez, pode ser entendida como um processo que envolve vigoroso esforço de recuperação de realidades e que garante um compromisso com o futuro. Uma ação entre missionária e utópica destinada

a reformular comportamentos humanos e recriar valores perdidos ou jamais alcançados. Essa definição traduz uma idéia geral da educação ambiental.

Stapp et al definiram a educação ambiental como um processo que deve objetivar a formação de cidadãos, cujos conhecimentos acerca do ambiente biofísico e seus problemas associados possam alertá-los e habilitá-los a resolver seus problemas (STAPP et al, 1969 citado por DIAS, 1992).

DIAS (1994) propõe uma abordagem contemporânea e amplamente aceita por muitos pesquisadores onde o meio ambiente – ou simplesmente “ambiente”, para o autor – é tratado por sua totalidade, incluindo todos os seus aspectos. Num modelo de tecido celular o autor propõe estudos políticos, éticos, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais e ecológicos. Esta abordagem também é comumente chamada de holística (integradora).

Resumidamente, para Dias, a educação ambiental deve assumir as seguintes características: a) ser definida eminentemente como interdisciplinar, orientada para a solução de problemas locais e deve possuir as características participativa, comunitária, criativa e, principalmente, valorizando a ação; b) ser educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania; c) ser transformadora de valores e atitudes por meio da construção de novos hábitos e conhecimentos; d) ser criadora de uma ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza; e) ter por objetivo o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida.

Acerca da interdisciplinaridade, Drew (1994) aborda muitas questões pertinentes a estudos ambientais, enfatizando a indissociabilidade entre meio ambiente e sociedade, além de ressaltar a importância de uma abordagem ampla para uma melhor compreensão dos princípios norteadores da Educação Ambiental.

Para Drew, a necessidade de uma consciência ecológica emerge do histórico e mundial descaso quanto aos impactos das intervenções do homem no planeta, com raízes filosóficas, teológicas e econômicas, uma vez que a noção de um mundo destinado ao benefício do homem foi igualmente enunciada pelos gregos da antiguidade. “As plantas foram criadas por causa dos animais e os animais, por causa do homem” (Aristóteles, 1999).

Estes impactos, quando negativos, podem ser também definidos como a degradação ambiental, entendida como a transformação das condições naturais de uma área qualquer, alterando-as de forma a modificar os seus elementos básicos, comprometendo as possibilidades de vida orgânica ou criando condições de desequilíbrio dos processos mecânicos e químicos naturais.

Enquanto Drew (1994) traz informações em linguagem científica do campo da geografia física, Dias (1992) busca na sua abordagem a informalidade e a fundamentação teórica-jurídica para propiciar aos iniciantes em educação

ambiental, princípios para desenvolverem as práticas em seu espaço, com um enfoque humanista e estimulador do exercício da cidadania.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Guilherme Lacerda Braga Sobrinho - Ensino de 1º Grau Regular e Supletivo, que antes de 1996 era chamada de Escola Estadual Bairro Novo. Optou-se pelo estudo de caso por ser uma estratégia de pesquisa que procura “responder como e por que certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de um contexto de vida real” (GODOY, 1995, p. 25).

A organização estudada foi escolhida intencionalmente, pela facilidade de acesso à escola e aos alunos. Durante um ano letivo os conceitos, princípios e algumas práticas de educação ambiental foram expostos aos estudantes da 6ª série do ensino fundamental, sinalizando sua importância para a vida das pessoas.

A composição da amostra foi do tipo não-probabilística e se realizou a partir da disponibilidade dos participantes. A coleta dos dados foi feita por meio de questionários e relatórios. O questionário foi entregue aos alunos para que estes entrevistassem moradores e eventuais transeuntes do bairro. Este primeiro instrumento teve como finalidade buscar opiniões da comunidade acerca das suas percepções do ambiente, destacando alguns aspectos que pudessem caracterizar a qualidade de vida da população da região estudada (arredores da escola), a saber: saúde, educação, segurança, lazer e cultura.

Além dos questionários, os alunos de uma das turmas - aproximadamente 40 - realizaram visita à comunidade e apresentaram um relatório expondo suas opiniões sobre os aspectos ambientais observados. Por meio dos relatórios buscou-se perceber os aspectos ambientais sob o olhar dos alunos. Esta abordagem fundamenta-se, principalmente, no trabalho de Tuan (1980), buscando destacar valores na relação homem-meio.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação dos questionários pelos alunos à comunidade visou, em primeiro lugar, enriquecer o conhecimento do próprio aluno, proporcionando o confronto dos conceitos, princípios e exemplos apresentados em sala de aula com a vivência da comunidade.

Apesar do consenso quanto à organização familiar patriarcal (os homens estariam trabalhando no horário das entrevistas), o que poderia deduzir esta significativa diferença de gênero, verifica-se que das mulheres, apenas 23% assumem

atividades de “dona-de-casa”, sendo que o restante exerce atividades profissionais externas (Quadro 2).

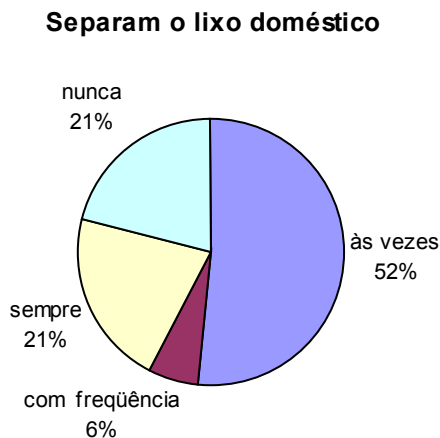
QUADRO 2 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

CATEGORIA		PERCENTUAL
Sexo	Feminino	67%
	Masculino	33%
Escolaridade	Primeiro Grau	67%
	Segundo Grau	18%
	Terceiro Grau	15%
Idade	Entre 18 e 25 anos	100%
Naturalidade	Curitiba	18%
	Migrantes do Paraná	64%
	Migrantes de outros Estados	21%

A maioria dos entrevistados (85%) reside no Sítio Cercado há um período médio de seis anos, validando suas observações acerca das paisagens que fazem parte do cotidiano. Os dados obtidos das pessoas não residentes também são importantes por apresentarem visões que se diferenciam qualitativamente das visões nativas (TUAN, 1983).

A maioria considera o abastecimento de água regular (42%) ou bom (42%), sendo que uma menor parcela acha o serviço ótimo (12%) ou excelente (3%).

GRÁFICO 1 - VOCÊ FAZ A SEPARAÇÃO DO LIXO QUE NÃO É LIXO?

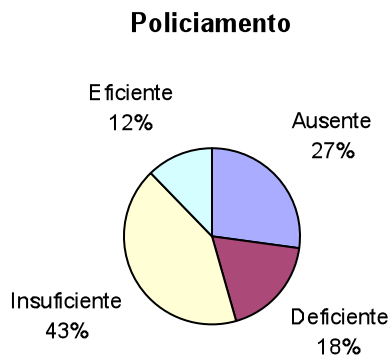


Na amostra utilizada, apenas 21% declararam praticar a separação do lixo, com frequência, sendo que a maioria, (52%) afirmaram separar, às vezes. Chamou a atenção a sinceridade de 21% das pessoas que declararam não separar o lixo contra igual porcentagem, que confirmaram separar o lixo sempre (cf. gráfico 1).

Nesta pergunta observa-se que a prática da separação do lixo é de conhecimento comum dos habitantes, inclusive quanto à ciência dos dias e horários em que ocorre a coleta. O questionário não permitiu apontar os motivos que levam as pessoas a não praticarem a seleção do lixo, mas levanta este ponto de reflexão acerca da consciência ecológica (ambiental) da população.

No que tange à segurança, é possível afirmar que a segurança pública ainda é um dos fatores de intensa preocupação da população, tendo em vista que se projeta como motivo de grande insatisfação da maioria dos entrevistados. Note-se que eles não só percebem, mas vivenciam, o tempo todo, a relação direta entre ausência de segurança e má qualidade de vida. Isto fica evidenciado à medida que a maioria dos entrevistados - 88% - explicitaram sua indignação diante da ineficiência das autoridades policiais. Da mesma maneira, 85% avaliaram as ações das autoridades abaixo da eficiência para promover a segurança pública (Ver gráficos 2 e 3).

GRÁFICO 2 - COMO VOCÊ CONSIDERA O POLÍCIAMENTO?

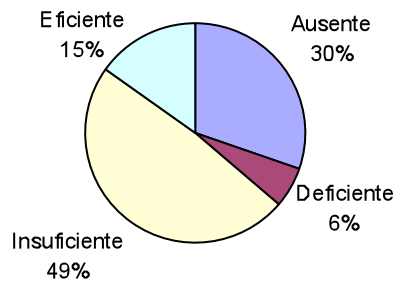


A presença das escolas foi percebida de forma positiva pelos entrevistados - três escolas, em média – evidenciando sua suposta importância como espaço institucional, político e ecológico, para se pensar o novo, inventar e criar soluções para os problemas ambientais. No entanto, tal importância contrasta com o fato das pessoas desenvolverem pouquíssimas atividades naqueles espaços. A dimensão “positiva” da escola está mais associada à retórica do que às práticas de apropriação civilizatória daquele espaço por parte da comunidade. Tais fatos tornam-se visíveis à medida que se constata que cultura e lazer são dimensões secundárias quando comparadas às necessidades emergenciais das classes populares, como por exemplo,

o trabalho. As atividades profissionais adquirem importância prioritária, tendo em vista as exigências impostas pelos imperativos de sobrevivência da referida comunidade.

GRÁFICO 3 - COMO VOCÊ PERCEBE A AÇÃO DAS AUTORIDADES QUANTO À QUESTÃO DAS DROGAS E CRIMINALIDADE?

Ações das autoridades policiais



4.1 AS REDAÇÕES DOS ALUNOS

As redações, muitas vezes curtas e breves, foram muito úteis por trazerem também contribuições e pontos de vista dos alunos acerca da temática ora estudada. Este tipo de abordagem simples é caracterizado por Dias como estratégia que pode servir de arcabouço para medir níveis de satisfação das pessoas em seu ambiente que corresponde direta e indiretamente a um melhor status de qualidade de vida.

A partir das opiniões espontâneas dos alunos, a respeito dos temas ambientais, verificou-se que para a maioria o meio ambiente não era agradável e satisfatório aos seus desejos e que sofre muito com as interferências humanas, notadamente, pela presença de lixo nas valetas, destinadas, a priori, para dar vazão às enxurradas.

Aqui destaca-se a contradição existente entre “consciência” do processo de coleta de lixo - três vezes semanalmente - assim como a ciência da prática de “separar o lixo que não é lixo”, obtida pelo questionário e a presença dos resíduos urbanos nas valetas observados na saída de campo.

Outros aspectos negativos do ambiente ainda foram observados, ao ser analisada a intensa freqüência das expressões utilizadas nas redações, conforme segue,

por ordem decrescente: lixo nas valetas, ausência de árvores, pichações, ausência ou má qualidade de asfaltamento, construções não acabadas, água parada e áreas de lazer abandonadas ou freqüentadas por jovens delinqüentes, com comportamentos diferentes dos aceitáveis socialmente e, também, usuários de drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados apresentados, há uma visível e acentuada descontinuidade entre os conteúdos emancipatórios ensinados aos alunos e as práticas sociais abusivas e descuidadas da comunidade no que diz respeito aos temas ambientais. Portanto, retornando ao objetivo da pesquisa, é possível concluir que a distância entre o que é dito em sala e o que é efetivamente feito no mundo da vida pela comunidade é um fato inegável. Neste sentido, além de atingir o objetivo inicial, o presente artigo torna visíveis as insuficiências das políticas públicas no que dizem respeito ao processo de inclusão social das populações que habitam as periferias dos grandes centros. A aposta do presente estudo é que ele sirva de estímulo para novos aprofundamentos, capazes de projetar a educação ambiental não apenas como cartas de intenções, mas como intervenções que reduzam as descontinuidades perversas identificadas pela presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALIER, J. M. El Ecologismo de los pobres. **Revista WANI**, n.125, abril, p. 42-50, 1992.
- ARISTÓTELES. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- DIAS, G. F. **Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental** - Manual do Professor. São Paulo: Global, 1994.
- _____. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 4. ed. São Paulo, SP: Gaya, 1992.
- _____. **Populações marginais em ecossistemas urbanos**. Brasília: IBAMA, 1989.
- DREW, D. **Processos Interativos Homem-Meio Ambiente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- FREIRE, R. **A Farsa Ecológica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1992.
- GARCIA, F. E. S. **Cidade Espetáculo: política, planejamento e city marketing**. Curitiba: Palavra, 1997.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: os tipos fundamentais. **RAE**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai/jun, 1995.
- MOURA, R. Concentração e Exclusão na RMC. **Revista Paranaense de Geografia**. n. 3, p. 49-57, Curitiba: AGB, 1998.
- SOUZA-LIMA, J. E. de. O preço da fama: a construção do imaginário ecológico de Curitiba na imprensa escrita - 1985-1993. **Revista FAE**, Curitiba, v. 2, n. 1, jan.-abr., 1999, p. 31-41.
- TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.
- VIEIRA, L. **Fragmentos de um discurso ecológico**. São Paulo, Gaia, 1991.